

O Discurso Androcêntrico e a Representação Social da mulher: uma análise crítica da crônica jornalística

Leandro Freitas Menezes (UFES)¹
(leandrofreitasmenezes@yahoo.com.br)

Resumo: O objetivo deste artigo é realizar uma análise da representação social da mulher na crônica jornalística *Audácia das mulheres* publicada no jornal *A Tribuna-ES*, utilizando o referencial teórico e metodológico dos Estudos Críticos do Discurso de vertente sociocognitiva cujo representante principal é van Dijk (2009, 2012), além de Bourdieu (2002) da área da sociologia. Travamos um diálogo entre esses dois teóricos, admitindo que o discurso androcêntrico é estrutural na sociedade e é por meio dessa orientação discursiva que o cronista representa a mulher em um patamar inferior ao homem. O resultado evidenciou que na crônica capixaba, o cronista, uma instância masculina, aborda um assunto que envolve a mulher, no mês de maio, dedicado às mães e às noivas. Nela, a opinião do cronista visa o empoderamento da mulher em face das novas perspectivas de vida atuais. Contudo, mesmo assim, notamos que tal opinião vai de encontro ao pensamento androcêntrico-estrutural, uma vez que a análise a partir das categorias elencadas revelou no discurso traços de estereótipos, desrespeito e misoginia contra a mulher.

Palavras-chave: Discurso-Sociedade-Cognição; Macroestrutura; Androcentrismo; Crônica jornalística.

Abstract: The aim of this article is to carry out an analysis of the social representation of women in the journalistic chronicle *Audacity of women* published in the newspaper *A Tribuna-ES*, using the theoretical and methodological framework of Critical Discourse Studies with a socio-cognitive perspective, whose main representative is van Dijk (2009, 2012), in addition to Bourdieu (2002) in the field of sociology. We engage in a dialogue between these two theorists, admitting that androcentric discourse is structural in society and it is through this discursive orientation that the chronicler represents women at a lower level than men. The result showed that in the chronicle of Espírito Santo, the chronicler, a male instance, addresses an issue that involves women motivated by the month of May, dedicated to mothers and brides. In it, the columnist's opinion aims at the empowerment of women in the face of current new life perspectives. However, even so, we note that such opinion goes

¹ Licenciado em Língua Portuguesa e Literatura de Língua Portuguesa pela UFES. Especialista em Língua Portuguesa e Literatura Brasileira / Linguística Aplicada na Educação pela Universidade Cândido Mendes – RJ. Especialista em Docência do Ensino Superior / FATEC/SP. Mestrando em Estudos Linguísticos pela UFES. Membro do Grupo de Estudo sobre Discursos da Mídia – GEDIM/UFES.

against the androcentric-structural thought, since the analysis based on the listed categories revealed in the discourse traces of stereotypes, disrespect and misogyny against women.

Keywords: Discourse-Society-Cognition; Macrostructure; Androcentrism; Journalistic Chronicle.

Introdução

Os fatos noticiados na mídia envolvendo violência, misoginia e desrespeito contra a mulher por si evidenciam que vivemos em um país cujo pensamento androcêntrico persiste. Nesse caso, embora não seja comum para todos, observamos que nos textos jornalísticos é notória uma instância masculina que assujeita a mulher, ao impor uma visão androcêntrica de mundo. Por outro lado, esses mesmos textos têm revelado atualmente uma mulher mais esclarecida e politizada que tem ameaçado o reduto masculino.

Tais observações motivaram a proposta de produção deste artigo que busca analisar a representação social² da mulher na crônica jornalística *Audácia das mulheres* publicada no jornal *A Tribuna* em 09 de maio de 2002. Este é um mês dedicado às mães e às noivas e, portanto, essa crônica nos chamou a atenção porque o cronista ao mesmo tempo em que trabalha com um discurso de empoderamento da mulher deixa escapar pelas entrelinhas a misoginia, estereótipos e preconceitos contra ela.

A análise sociocognitiva é classificada como qualitativa-interpretativa e, para a realização dela utilizaremos o referencial teórico e metodológico dos Estudos Críticos do Discurso de vertente sociocognitiva cujo representante principal é van Dijk (2009, 2012), além de Bourdieu (2002), sociólogo, crítico do androcentrismo. Pretendemos realizar um diálogo entre esses dois teóricos, admitindo que o discurso androcêntrico é estrutural na sociedade.

Tradicionalmente, o discurso hegemônico impõe limites para o lugar de fala, segregando cada minoria em seu espaço e restringindo os debates que poderiam contribuir para a construção de uma sociedade mais justa e igualitária. Contudo, segundo Ribeiro (2017)

² van Dijk (1988, 2017) agregou o termo “Representação social” (RS) da Psicologia Social e a utiliza para se referir às crenças, imagens, autoimagem e ideologias que são socialmente partilhadas por grupos organizados. Ou seja, é a maneira ou a forma como esses grupos se identificam ou se reconhecem e como eles identificam e reconhecem o outro.

precisamos romper com essa visão reducionista. Isso quer dizer que os homens também devem entrar nesse debate para que o sistema androcêntrico possa ser superado.

A imprensa jornalística

Traquina (2005, p. 19) acha um absurdo tentar responder o que é jornalismo em “uma frase ou até mesmo em um livro”. A opinião do autor refere-se à amplitude do jornalismo na função e no papel que ele representa socialmente. Tal amplitude é referida pelo autor de forma poética como “a vida”, uma vez que o jornalismo é responsável por dar a informação sobre as dimensões dos acontecimentos sociais, de forma que isso se torna uma espécie de “enciclopédia da vida humana”. Um exemplo disso está no próprio jornal impresso, na sua divisão em seções que compreende sociedade, economia, ciência, educação, cultura, artes, livros, as mídias, televisão, abrangendo todo o cenário nacional e internacional e o planeta. Outra possibilidade posta pelo autor vem da ideologia profissional do jornalista que define o jornalismo como realidade, no sentido de ser um veículo que tem a credibilidade de responder de maneira coerente e objetiva aos anseios da população sobre os acontecimentos sociais por meio da notícia.

Na era da informação, o jornal tem uma aceitação não só boa, mas proeminente, pensando no jornalismo em geral, sendo oferecido em meio impresso ou digital. O discurso jornalístico exerce um poder institucionalizado e legitimado pela ideologia³ de grupos dominantes. Nele, o conteúdo é produzido e reproduzido “pelos elites simbólicas⁴” (VAN DIJK, 2009, p. 85) a partir de representações sociais que permeiam o cognitivo social. O exercício central desse poder discursivo visa promover ações sociais para manter o controle

³ van Dijk (2017) define ideologia como as representações sociais de grupos que compõem a sociedade, tais como socialistas, neoliberais, ecologistas, feministas e machistas. Por serem representações são mais abstratas, produzindo ideologias sexistas e racistas subjacentes (VAN DIJK, 2016). A ideologia é a base do conhecimento que orienta as atitudes e o comportamento de cada um, definidas por categorias mais gerais, tais como: identidades, ações, metas, normas e valores, relação com outros grupos e recursos (poder) (VAN DIJK, 2016).

⁴ Segundo van Dijk (2017) as “elites simbólicas” são atores sociais, como por exemplo, professores, jornalistas, advogados, etc., que pelo conhecimento de parte do discurso público consegue exercer influência sobre as pessoas e modificar a forma de pensamento delas.

sobre os membros de grupos dominados. Nesse sentido, os gêneros jornalísticos, em especial a crônica situada entre os gêneros opinativos, são responsáveis pela produção e reprodução das representações sociais que circulam na vida cotidiana e se inscrevem na memória social. Destes, destacamos os que reforçam um discurso androcêntrico, conforme Bourdieu (2002).

Tendo o jornal como suporte, a crônica constitui um gênero que assume o papel intermediário entre “o noticiário das coisas sérias e a descrição dos assuntos leves, cuja finalidade seria o entretenimento e o experimento estético” (CARDOSO, 2008, p. 20). Igualmente, Mello (2002) também defende que a crônica jornalística luso-brasileira é um gênero opinativo e híbrido, mostrando que ela se confunde muitas vezes com o artigo, o editorial ou o comentário. Nessa pesquisa, queremos frisar o caráter opinativo da “crônica do cotidiano”⁵, admitindo que o cronista, ao opinar sobre algum assunto, constrói “circunstâncias” para conhecimentos sociais ou representações mentais contidas no “marco de cognição social” (VAN DIJK, 1978, p. 160). Essas são categorias da superestrutura argumentativa proposta pelo autor, mas recentemente em van Dijk (2012) podemos admitir que as “Circunstâncias” equivalente aos “modelos mentais (individual) e o “Marco das cognições sociais” como “Cognições sociais” (Coletivo).

Discurso Androcêntrico e Macroestrutura

O termo “Androcentrismo” foi utilizado primeiramente pelo sociólogo Lester F. Ward em sua obra *A Treatise: On The origin and spontaneous development of society*, lançada em 1903. Em sua *The androcentric Theory*, Ward (1903) trata de defini-lo como um ponto de vista formado a partir de parâmetros da filosofia, da biologia, da sociologia e antropologia no estudo da natureza do sexo masculino e feminino no qual se conclui que o primeiro é superior ao segundo tanto em atributos físicos quanto em cognitivos. Esta noção é reducionista e excludente porque os paradigmas sociais se resumem apenas naquilo em que o grupo social masculino admite como verdade em detrimento a mulher, ou seja, o homem é o centro de todas as decisões. Visto dessa forma, o androcentrismo é uma ideologia mais científica que descende diretamente do sistema patriarcal. O androcentrismo é uma visão já ultrapassada na

⁵ Classificação proposta inicialmente por Scafuro (1999) e estudada por Gabriel Jr. (2010) e Corrêa (2015). As Crônicas do cotidiano são aquelas escritas a partir de fatos do dia a dia os quais se baseiam nas experiências e vivências do cronista, por isso, têm caráter permanente.

sociedade atual, embora esteja ainda em voga em forma de modelos mentais⁶ (VAN DIJK, 2012), por esse motivo é criticada por Bourdieu (2002) em sua obra *Dominação masculina*.

Grosso modo, nos vários estágios históricos da humanidade é notório um discurso universal que legitima a inferioridade feminina como algo natural. Essa constatação leva a considerar que a dominação masculina constitui uma força imposta pela sociedade culturalmente. Desde os primórdios as comunidades trataram de fazer a divisão e a distinção homem/mulher por meio do comportamento de cada um, da divisão do trabalho, do sexo, etc. Essa forma de pensar impregnou o cognitivo desse binômio, tornando uma ordem social simbólica, tácita e neutra, isto é, fazendo com que os seres humanos em geral não percebam que estão agindo conforme o modelo androcêntrico. Segundo Saffioti (2015, p. 35), “[...] há um número incalculável de mulheres machistas”. Ou seja, mulheres que agem de acordo com a ideologia dominante e pouco questionam a inferioridade atribuída a elas. Essa tendência se confirma por meio de pesquisas recentes realizadas pelo Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD)⁷ apontam que 90% de homens e mulheres têm algum tipo de preconceito contra as mulheres.

Essa é uma visão androcêntrica baseada na mitologia, mas que perdura atualmente. Segundo Bourdieu (2002), essa ordem social funciona como uma máquina simbólica que aprova a dominação masculina ao mesmo tempo em que serve de base para ela. Ainda de acordo com Bourdieu (2002), as consequências dessa visão androcêntrica são:

[...] a divisão social do trabalho, divisão bastante estrita das atividades distribuídas a cada um dos dois sexos, de seu local, seu momento, seus instrumentos; é a estrutura do espaço, opondo o lugar na assembleia ou de mercado, reservado aos homens e a casa reservada às mulheres; ou, no interior desta, entre a parte masculina, com o salão, e a parte feminina, com o estábulo, a água e os vegetais; é a estrutura do tempo, a jornada, o ano

⁶ van Dijk (2012) traz em sua obra *Contexto e discurso: uma abordagem sociocognitiva*, a concepção de contexto como modelo mental, único e subjetivo, oriundo dos intercâmbios discursivos ocorridos em eventos comunicativos. Em conformidade com esse postulado, podemos dizer que no contexto social, interativo e cultural vivemos inúmeras experiências as quais interpretamos de forma pessoal, e são essas interpretações que denominamos de modelos mentais. Tais experiências são acumuladas ao longo de nossa vida de modo a formar uma “autobiografia mental” segundo van Dijk (2012, p. 94).

⁷ A pesquisa pode ser lida integralmente no site: <https://www.undp.org/press-releases/almost-90-menwomen-globally-are-biased-against-women>.

agrário, ou o ciclo da vida, com momentos de ruptura, masculinos, e o longo período de gestação, femininos (BOUDIEU, 2002, p. 09).

O autor expõe tais consequências cuja causa é a própria ideologia que sustenta a máquina simbólica. Sob essa dominação, parece algo inevitável para as mulheres nascerem em meio a esse sistema em pleno funcionamento em que nele são reduzidas, silenciadas e apagadas da história. Acerca disso, Macedo (1990) aponta uma contradição ao acrescentar que embora a palavra história seja um substantivo feminino, lamentavelmente ela foi constituída sob a hegemonia masculina.

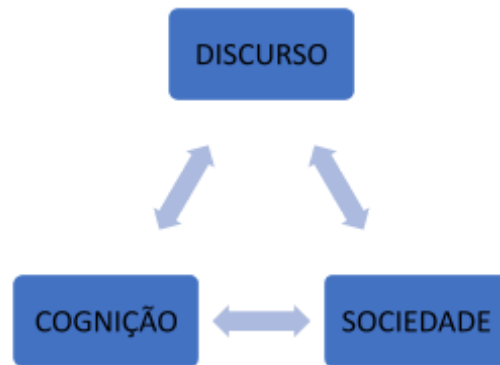
Admitimos, por meio de van Dijk (2009, 2017) que esse pensamento androcêntrico sobre o qual Bourdieu (2002) criticou é parte da estrutura social. van Dijk (2009, 2017), ao falar sobre as estruturas sociais, define microestrutura como o nível das interações cotidianas por meio do uso da linguagem verbal entre os membros da sociedade. Por outro lado, conceitua as macroestruturas como relações de poder, desigualdade e dominância entre grupos sociais. Esses níveis foram conceituados separadamente, mas se realizam conjuntamente. Isso porque embora os indivíduos tenham seus modelos mentais ou suas representações sociais, ao interagir com outros é necessário adequá-las a um nível que satisfaça o discurso social. Por conseguinte, tais representações sociais acabam se inscrevendo diretamente na ideologia de um grupo o qual compartilha de forma coletiva conhecimentos e atitudes.

A partir do conceito de Androcentrismo e Macroestrutura discursiva, podemos considerar o Androcentrismo como uma cognição social macroestruturada e institucionalizada, ligada ao grupo social masculino.

A vertente sociocognitiva: Discurso-Cognição-Sociedade

De forma ampla, na estrutura dos Estudos Críticos do Discurso (ECD) a teoria sociocognitiva é caracterizada pelo triângulo Discurso-Cognição-Sociedade (VAN DIJK, 2009). Essa tríade representa os aspectos importantes para a vida humana, pois vivemos em sociedade, utilizamos a língua para interagirmos e tudo isso é mediado por representações mentais (VAN DIJK, 2021). O esquema abaixo representa o pensamento de van Dijk (2009):

Figura 1 - Triângulo discurso-cognição-sociedade.



Fonte: De autoria própria a partir de van Dijk (2009).

No viés sociocognitivo de van Dijk (2009) a cognição mantém influência sob as nossas práticas sociais e na interpretação do discurso. Em outras palavras, do mesmo modo em que precisamos interpretar cognitivamente os ambientes sociais na construção de nossos textos escritos ou dialogados que são os discursos materializados, sua interpretação também depende das representações sociais, como conhecimentos, atitudes, ideologias, e etc.

Discurso

van Dijk (1988, 2001) esclarece que o termo “discurso” é ambíguo, amplo, polissêmico e difuso, não havendo uma única definição prática que dê conta de explicar tudo o que sabemos sobre ele. É na amplitude do termo que van Dijk (2017, p. 37) o conceitua como “‘evento comunicativo’, incluindo interação convencional, texto escrito, bem como gestos associados, expressão facial, arranjos tipográficos, imagens e qualquer outra dimensão de significação ‘semiótica’ ou multimídia”.

Embora seja atravessado por várias definições, para van Dijk (1988), na teoria sociodiscursiva, “discurso” está relacionado especificamente com “evento comunicativo” que se caracteriza por sua complexidade que envolve o próprio contexto: atores sociais (falante, escritor/ouvinte e leitor), ambiente específico (tempo, local e circunstâncias), além de outras categorias que o envolvem. Tal conceito remete ao nível primário da estrutura textual: o micro. Nesse nível é analisada a forma como os participantes da interação utilizam a linguagem para se comunicar em contexto de uso. Tais formas de interação remetem a um nível maior, uma macroestrutura, em que se podem analisar as interações entre atores sociais e as representações sociais partilhadas por eles que se inscrevem nas ideologias de grupos

sociais distintos. Ambos os níveis corroboram para revelar preconceitos existentes entre ele, uma vez que as ideologias se diferem.

Cognição

A “Cognição” como uma interface do Discurso e Sociedade, diz respeito à cognição pessoal e social, crenças, finalidades, avaliações, emoções e quaisquer estruturas mentais (DIJK, 2017). van Dijk (1988, 2017) em termos de categoria essa expressão tem sido utilizada pelas diversas ciências sociais sob conceitos variados. Por exemplo, da psicologia social em que Moscovici (1984) a utiliza de forma mais genérica. Contudo, de maneira específica “Representações sociais” (RS) van Dijk (1988, 2017) se refere às crenças, imagens, autoimagem e ideologias que são socialmente partilhadas por grupos organizados. Ou seja, é a maneira ou a forma como esses grupos se identificam ou se reconhecem e como eles identificam e reconhecem o outro.

Sociedade

O termo “Sociedade” inclui as microestruturas locais de interação face a face e as macroestruturas globais sociais, políticas definidas em termo de grupos e as relações de poder entre eles – dominação e desigualdade –, movimentos instituições, organizações, processos sociais, sistemas políticos, propriedades mais abstratas das sociedades e cultura (VAN DIJK, 2017). Em outras palavras, na sociedade os indivíduos, membros de grupos interagem, travando relações de poder, intermediadas pela interface cognitiva, por meio do qual organizam o discurso e o interpretam ao mesmo tempo. Antes de tudo, devemos pensar que essas relações entre atores sociais e grupos sociais acontecem no contexto social e os conhecimentos, crenças, valores e atitudes são compartilhados e apreendidos culturalmente. São repassados de pai para filho os quais moldam seus discursos e comportamentos a grupos específicos e passam a agir de acordo com a ideologia que professam.

Análise da crônica “Audácia das Mulheres”

AUDÁCIA DAS MULHERES

Pedro Maia

A infidelidade conjugal continua sendo o motivo principal da ida de casais às Varas de Família da Grande Vitória, de acordo com pesquisa levada a efeito nos últimos tempos por um grupo de assistentes sociais interessadas no assunto.

A surpresa, ao contrário do que se pensa, é que o maior número de pedidos de separação, onde a infidelidade aparece como fator básico, ocorre na classe média baixa e não entre os bem situados na vida, como em tempos passados.

As novas perspectivas de vida para a mulher, com a abertura de novos campos de trabalho e a derrubada do preconceito contra as “descasadas”, têm contribuído diretamente para esse estado de coisas.

A mulher não precisa mais ser a eterna dona-de-casa onde a vida do marido “da porta pra fora” não lhe interessa.

Pelo contrário, nos nossos tempos, o sexo frágil ganhou uma inquestionável fortaleza e tem muito machão por aí que executa serviços domésticos com uma docilidade indiscutível e faz até apologia disso.

Por outro lado, a mulher encara a batalha na rua (num bom sentido) e disputa com os homens em todos os setores funcionais, sendo que em alguns os marmanjos perdem em eficiência com muitos pontos de diferença.

Já não é mais surpresa se encontrar mulher trabalhando em obras de construção civil, e até na Academia Militar, último reduto da supremacia masculina, as meninas já estão mandando ver.

Também é comum encontrar mulheres trabalhando agora como seguranças de banco. Na Grande Vitória, então, isso tem se tornado cada vez mais comum.

Não faz muito tempo, cabia ao homem fazer o cerco para a conquista da mulher. Aquela história das flores, dos galanteios e até dos versos, para cair nas graças da mulher desejada.

Agora a coisa mudou: são elas quem partem pra cima, com a determinação de quem sabe o que quer.

E esta liberdade e ação por parte do chamado sexo frágil tem trazido sérios problemas para os chamados cidadãos discretos, do tipo “come-quieto”, ou seja, aqueles que não fazem alarde de suas peripécias sexuais.

Pelo menos foi isso que aconteceu com um amigo nosso, na semana que passou.

Este nosso amigo é um circunspecto executivo, bem casado à moda antiga.

Mas, como todo cidadão bem-casado, de vez em quando “pula a cerca” e vive as suas aventuras extraconjugais, sempre com o maior cuidado para a cara-metade ficar totalmente por fora.

Pois com a última lebre abatida em um dos muitos motéis da cidade ele deu uma tremenda mancada. Se empolgou demais e, à noite, durante o sono, falou o nome da moça por diversas vezes.

Quando acordou, a mulher estava uma fera. Na hora do café, veio a indagação, numa cobrança que não deixava dúvidas:

– Quem é uma tal de Isabel, seu cretino?

O nosso amigo quase caiu da cadeira, mas quando soube que havia falado o nome em sonho, logo se saiu numa boa.

– Ora, meu amor, você está se preocupando à toa! Isabel é o nome de uma égua na qual apostei uma grana domingo, no Jóquei Clube lá na Barra do Jucu. Num tem nada disso, meu benzinho...

Com esta explicação, a mulher se acalmou e o nosso amigo foi para o trabalho com a certeza de que havia dobrado a fera.

À noite, quando voltou para casa, encontrou suas malas prontas e na porta a mulher na maior bronca do mundo.

– O quê que é isso, meu bem? – perguntou ele, meio cabreiro.

– Que é isso, né seu cachorro? Pois a égua do Jóquei Clube telefonou pra você duas vezes...

E no outro dia era mais um casal na Vara de Família.

09/05/2002

Nessa crônica, o jornalista discorre a respeito da infidelidade conjugal, o motivo que leva muitos casais da Grande Vitória a procurar a Vara da Família para buscar a separação. Ao contrário do que se possa pensar, o maior índice de divórcio está entre a classe média-baixa. Contudo, o interessante é que o autor aponta que isso se deve “às novas perspectivas de vida das mulheres”, isto é, elas têm adentrado ao mercado de trabalho e conquistado a

independência financeira dentro do lar. A partir de uma perspectiva androcêntrica macroestrutural-discursiva, essa nova informação nos faz compreender que o fato de as mulheres estarem conquistando o sucesso na vida profissional se torna muito mais o motivo para as separações do que a própria infidelidade conjugal, como veremos adiante. Como o mês de maio é dedicado à mulher - mães e as noivas -, a partir de então, o autor começa a trabalhar com uma linha discursiva de empoderamento da mulher, assinalando as mudanças que ocorreram em razão das muitas conquistas. Porém, essa estratégia discursiva é acompanhada de recursos lexicais que exprimem ainda um pensamento androcêntrico macroestrutural-discursivo em que a mulher é representada em um patamar inferior.

A) DISCURSO

1) Léxico: Para van Dijk (2012) a escolha do léxico no processo discursivo é definida a partir do significado expresso pelo modelo de contexto intrínseco a cada ator social. Em geral, em relação ao ator social, as palavras no discurso podem expressar a “identidade social, suas relações, sua adaptação, seu estado de espírito, suas emoções, suas opiniões e atitudes, seus propósitos, seu conhecimento e os tipos de situação (in)formal ou institucionais em que estão falando ou escrevendo” (VAN DIJK, 2012, p. 283).

2) Metáfora conceitual: De acordo com Lakoff e Mark (2002) na tradição retórica, a metáfora tinha a função realçar a linguagem no discurso poético e persuasivo. Contudo, atualmente os estudiosos da cognição atribuíram um novo status à Metáfora, passando a ser vista como o resultado de uma construção mental, incorporada a partir da nossa percepção sensorial com o mundo. Da mesma forma, van Dijk (2012) vê a Metáfora como uma importante vertente para que os atores sociais construam seus discursos a partir dos condicionamentos contextuais do qual ela participa. A partir dos usos metafóricos, um participante pode identificar culturalmente o outro dependendo do gênero, classe ou etnia.

3) Figuras retóricas: A Hipérbole e o Eufemismo podem ser utilizados para exagerar significados positivos de um grupo social ou atenuar significados negativos desse mesmo grupo. De forma contrária, para exagerar significados negativos de um grupo ou atenuar significados positivos desse mesmo grupo (VAN DIJK, 2012).

Quadro 1 – Léxico, metáforas conceituais e figuras retóricas

CATEGORIAS	ELEMENTOS ENCONTRADOS SOBRE A MULHER	ELEMENTOS ENCONTRADOS SOBRE HOMEM
LÉXICO	<ul style="list-style-type: none"> ● a eterna dona-de-casa ● o sexo frágil ● “as descasadas” ● a cara-metade ● lebre abatida ● moça ● Isabel ● meu benzinho... ● meu amor ● Você ● meu bem 	<ul style="list-style-type: none"> ● O marido ● Machão ● os homens ● os marmanjos ● cidadãos discretos ● “come-quieto” ● um amigo nosso ● um circunspecto executivo ● bem casado à moda antiga ● cidadão bem-casado ● seu cretino ● Nosso amigo
METÁFORAS CONCEITUAIS	<ul style="list-style-type: none"> ● [...] a mulher encara a batalha na rua [...] ● [...] são elas quem partem pra cima [...] ● [...] para a cara-metade ficar totalmente por fora. ● [...] a mulher estava uma fera. ● [...] havia dobrado a fera. 	<ul style="list-style-type: none"> ● [...] se saiu numa boa.
FIGURAS RETÓRICAS	<ul style="list-style-type: none"> ● Ironia: [...] a mulher encara a batalha na rua (num bom sentido) ● Hipérbole: A mulher na maior bronca do mundo. 	<ul style="list-style-type: none"> ● Hipérbole: [...] ele deu uma tremenda mancada [...] ● Eufemismo: e vive as suas aventuras extraconjugais, sempre com o maior cuidado ● Eufemismo: “come-quieto” ● Eufemismo: Pula a cerca

Fonte: De autoria própria

Nesse quadro analisamos elementos que o cronista utilizou para se referir à mulher e ao homem. Tais elementos são representados pelas categorias: Léxico, Metáfora conceitual e Figuras retóricas os quais ao serem incluídos no discurso por atores sociais podem evidenciar relações de oposição e a opinião de um grupo social em relação ao outro.

Referindo-nos ao léxico, percebemos como a instância masculina menciona à mulher utilizando cognições sociais bem estruturadas na sociedade. Por exemplo, “a eterna dona-de-casa” diz respeito ao espaço privado do lar levado a mulher na divisão social do trabalho⁸; “o sexo frágil” é uma expressão estereotipada, vinculada a questões de ordem biológicas e emocionais que tem o objetivo de inferiorizar a mulher; “as descasadas” faz

⁸ [...] a divisão social do trabalho, divisão bastante estrita das atividades distribuídas a cada um dos dois sexos, de seu local, seu momento, seus instrumentos; é a estrutura do espaço, opondo o lugar na assembleia ou de mercado, reservado aos homens e a casa reservada às mulheres [...] (BOURDIEU, 2002, p. 09).

menção ao preconceito contra as mulheres separadas de seus conjugues que embora atualmente seja menor do que em décadas passadas ainda não foi totalmente superado; “a cara-metade” é uma expressão que mostra o compromisso dele com sua esposa, mas que não precisa levar tão a sério; “lebre abatida” foi utilizado para se referir a amante e, portanto, assinala a superioridade ou o domínio masculino em detrimento a ingenuidade, a inferioridade e a insignificância feminina. Esse léxico e expressões lexicais voltadas para o homem denota uma ideologia própria que identifica o grupo social masculino. Alguns termos são sensatos, equilibrados como “O marido”, “os homens”. Outros são menos sensatos como “Machão”; “os marmanjos”, porém são caracterizações que enobrecem o orgulho masculino. Há outras expressões lexicais que demonstram a vida profissional e familiar do homem, como “um circunspecto executivo”; “bem casado à moda antiga”; “cidadão bem-casado”. Por outro lado, vemos expressões que fazem alusão ao comportamento antigo do homem em satisfazer os desejos sexuais com meretrizes⁹ como “cidadãos discretos”; “come-quieto”. Nas crônicas é comum encontrar o cronista se referindo a um membro do grupo masculino como “um amigo nosso”; “nosso amigo”¹⁰.

Encontramos metáforas conceituais sobre o mercado de trabalho como “a mulher encara a batalha na rua” (guerra ou disputa); também sobre a conquista do homem que pretende como “são elas quem partem pra cima” (em cima, positivo); outra sobre a mulher não ter conhecimentos da traição pelo marido como “para a cara-metade ficar totalmente por fora” (recipiente); ainda outras que brincam com o temperamento da mulher como “a mulher estava uma fera” e “havia dobrado a fera”.

Foram empregadas no discurso algumas figuras retóricas sobre a mulher. Na frase usada pelo cronista para falar de mercado de trabalho “a mulher encara a batalha na rua (num bom sentido)” percebe-se uma ironia. Também na frase “A mulher na maior bronca do mundo”, percebe-se uma hipérbole em que ele exagera o temperamento feminino.

⁹O matrimônio tanto na Idade Clássica quanto na Idade Média eram negócios arranjados pelas famílias com o objetivo de perpetuar o poder. Por isso, Burns (1975) ao relatar esse assunto na Idade Clássica e Macedo (1990) na Idade Média, ambos mostram que era comum o marido obter o prazer sexual com meretrizes.

¹⁰ De acordo com van Dijk (2009, p. 73) membros de grupos ideológicos geralmente usam o pronome ‘político’ Nós (assim como nós, o nosso, etc.) para nos referirmos a eles mesmos e a outros membros do grupo. Da mesma forma, eles se referem a membros de outros grupos concorrente ou denominado em termos de Eles (deles, delas).

Contrariamente, sobre o homem temos as seguintes figuras: uma hipérbole “ele deu uma tremenda mancada” usada quando o marido ao dormir com sua esposa falou o nome da amante algumas vezes; três eufemismos utilizados em amenizar os efeitos do termo traição e traidor: “e vive as suas aventuras extraconjugais, sempre com o maior cuidado”, “come-quieto” e “Pula a cerca”.

Na apresentação dessas três categorias notamos que a instância masculina apresenta uma imagem do grupo social masculino realizando uma “autoapresentação” positiva do (NÓS) enquanto do grupo social feminino faz uma “outroapresentação” negativa do (ELES).

B) COGNIÇÃO

Quadro 2 – Representação social

CATEGORIAS	ELEMENTOS ENCONTRADOS SOBRE A MULHER
REPRESENTAÇÃO SOCIAL	Nessa crônica notamos que a instância masculina representa a mulher como audaciosa , no sentido de classificada intrépida, insolente, atrevida, ousadas e até mesmo abusada.

Fonte: De autoria própria

Essa é uma cognição social contemporânea que introduz na sociedade a representação social de uma mulher atual que atina para os direitos a ela concedidos por lei, estuda, busca oportunidade no mercado, ajuda no orçamento do lar, etc. Esse novo posicionamento da mulher vai de encontro ao androcentrismo estrutural, uma vez que a relação entre homem e mulher acaba se equiparando em todos os sentidos. Por exemplo, dando direito à mulher de opinar sobre os assuntos do lar, e de saber o que ele faz fora do lar. Percebe-se coerentemente que a instância masculina vê a imagem dessa mulher audaciosa como uma ameaça ao sistema androcêntrico.

C) SOCIEDADE

Para analisar a “Sociedade” optamos por trabalhar na Estrutura pragmática as categorias dêiticas de pessoa, de tempo, de lugar e social. van Dijk (2012) apresenta o contexto situacional ou pragmático como um modelo mental, instituindo uma pragmática do

discurso. Para a análise do contexto ele propõe categorias que podemos denominá-las dêitico-discursivas: 1) Participantes: Gênero, idade, educação posição social, etnicidade e profissão; Papéis comunicativos (estrutura de participação); Tipos de papéis sociais, ser membro de um grupo ou identidades; Relações entre os participantes (poder, amizade, etc.); Crença e conhecimentos compartilhados e sociais; Intenções e objetivos; 2) Cenário: Tempo/Período, Espaço/Lugar/Entorno; 3) Ações/Eventos comunicativos ou de outra natureza. O resultado podemos visualizar no quadro abaixo:

Quadro 3 - Estrutura pragmática: as categorias dêíticas

CATEGORIAS	ELEMENTOS ENCONTRADOS
DÊIXIS DE PESSOA	<ul style="list-style-type: none"> • Grupo social feminino: “a mulher”, “as meninas”, “a eterna dona-de-casa”, “sexo frágil”, “as descasadas”. • Grupo social masculino: “os homens”, “muito machão”, “os marmanjos”. • Triângulo amoroso: Marido (um nosso amigo), esposa (a mulher, a fera, a cara-metade) e amante (a última lebre abatida, a égua do jóquei clube, Isabel).
DÊIXIS DE TEMPO	<ul style="list-style-type: none"> • Traços contextuais de uma sociedade atual: “nos últimos tempos” e “nos nossos tempos”. • O assunto que motivou a crônica “Audácia das mulheres” é recente em relação à data de tiragem do jornal, 09/05/2002: “Pelo menos foi isso que aconteceu com um amigo nosso, na semana que passou.”
DÊIXIS DE LUGAR	<ul style="list-style-type: none"> • O cronista situa o leitor nos seguintes espaços onde ocorre seu relato: “Varas de Família da Grande Vitória”; “[...] mulheres trabalhando agora como seguranças de banco. Na Grande Vitória [...]”. Portanto, a Grande Vitória é o entorno dos acontecimentos narrados por Pedro Maia. • domingo, no Jóquei Clube lá na Barra do Jucu.
DÊIXIS SOCIAL	<ul style="list-style-type: none"> • – Quem é uma tal de Isabel, seu cretino? • Num tem nada disso, meu benzinho... • Ora, meu amor, você está se preocupando à toa! • Que é isso, né seu cachorro?

Fonte: De autoria própria

Considerações finais

O androcentrismo significou para a sociedade um instrumento sofisticado de dominação e opressão à mulher na medida em que Lester F. Ward buscou comprovações científicas na filosofia, na sociologia, na antropologia e na biologia a fim de confirmar os

parâmetros do senso comum que o patriarcado utilizava para justificar a inferiorização da mulher em relação ao homem.

Os estudos evidenciaram que o androcentrismo constitui um sistema estruturado. Nesse sentido, de forma consciente ou inconsciente, velada ou não esse sistema é retroalimentado, na proporção em que representações sociais estereotipadas, estigmatizadas, misóginas, etc. contra a mulher ganham corpo nos discursos proferidos pelas instâncias de poder, como o jornalismo, e são compartilhados aos leitores. Tais representações objetivam a adesão destes a ideologia preconizada, além de modificar cultural e socialmente o pensamento deles.

A crônica é um gênero textual-discursivo de estrutura tipológica argumentativa, mas também narrativa constituído historicamente no âmbito do discurso jornalístico. Elas foram escritas por uma instância masculina o qual busca homenagear a mulher em meses dedicados à mulher, às mães e às noivas. Nelas, a opinião do cronista visa o empoderamento da mulher em face das novas perspectivas de vida atuais. Contudo, mesmo assim, notamos que tal opinião vai de encontro ao pensamento androcêntrico-estrutural, uma vez que a análise a partir das categorias elencadas revelou traços de estereótipos, desrespeito e misoginia contra a mulher.

Referências

BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.

BURNS, Edward Mcnall. **História da civilização ocidental**: Do homem das cavernas até a bomba atômica. Rio de Janeiro: Ed. Globo, 1975.

CARDOSO, Joselina. Alves. **Crônica Literária no Jornal: História, Estrutura e Funcionamento**. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Literatura e Crítica Literária, Universidade Católica de Goiás, Goiânia, 2008. p. 07-65

CORRÊA, Jaqueline Aparecida Silva. **A representação textual-discursiva do feminino em crônicas de Marina Colasanti**. 179 fl. Mestrado (Dissertação). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC/SP), 2015. p. 12-17, 29-30, 66-68

GABRIEL JÚNIOR, Milton. **Organização textual das crônicas de notícia**. 275 fl. Mestrado (Dissertação). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC/SP), 2010. p. 01-08, 43-44, 65-85

LAKOFF, George e JOHNSON, Mark. **Metáforas da vida cotidiana**. São Paulo: Mercado das Letras, 2002.

MACEDO, José. Rivair. A mulher na Idade Média. São Paulo: Ed. Contexto, 1990.

PNUD. Tackling Social Norms: A game changer for gender inequalities - 2020 Human Development Perspectives. Disponível em: http://hdr.undp.org/sites/default/files/hd_perspectives_gsn.pdf. Acesso em: 10 de agosto de 2021. p. 01

RIBEIRO, Djamila. **O que é: lugar de fala?** Belo Horizonte (MG): Letramento, 2017.

SAFFIOTI, Heleieth. **Gênero, patriarcado, violência**. São Paulo: Expressão Popular, 2015.

TRAQUINA, Nelson. **Teoria do Jornalismo**: por que as notícias são como são – Vol. 1. Florianópolis: Ed. Insular, 2005.

VAN DIJK, Teun A. **La ciencia del texto**: un enfoque interdisciplinario. Barcelona: Ediciones Paidós, 1978.

VAN DIJK, Teun A. **Ideology**: A Multidisciplinary Approach. California: SAGE Publications, 1988.

VAN DIJK, Teun A. Critical Discourse Analysis. In: SCHIFFRIN, D.; TANNEN, D.; HAMILTON, H. E. **The Handbook of Discourse Analysis**. Oxford: Blackwell Publishers, 2001. Cap. 18, p. 352-37

VAN DIJK, Teun A. Critical discourse studies: a sociocognitive approach. In.: WODAK, R. e MEYER, M. **Methods for Critical Discourse Analysis**. London: Ed. Sage, 2009. p. 63-74

VAN DIJK, Teun A. **Discurso e contexto**: uma abordagem sociocognitiva. São Paulo: Contexto, 2012.

VAN DIJK, Teun A. Discurso-cognição-sociedade: estado atual e perspectivas da abordagem sociocognitiva do discurso. **Letrônica** - Revista Digital do Programa de Pós-Graduação em Letras da PUCRS Porto Alegre, v. 9, n. esp. (supl.), s8-s29, nov. 2016. Disponível em: <http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/letronica/>. Acesso em: 25 de maio de 2021.

VAN DIJK, Teun A. **Discurso, notícia e ideologia**: estudos na análise crítica do discurso. Portugal: Edições Húmus, 2017.

WARD, Lester F. **A Treatise**: On The origin and spontaneous development of society. New York: The Macmillan Co., 1903. p. 291-296.